

**Dois artistas em busca dos pracinhas:  
*Rádio Auriverde*, de Sylvio Back e *Crônicas da guerra na Itália*,  
de Rubem Braga**

**MARIANI CAROLINA DE SOUZA MELO\***

**Resumo:**

Pretendemos através deste trabalho fazer uma breve comparação entre o livro *Crônicas da guerra na Itália* de Rubem Braga e o documentário “*Rádio Auriverde*” de Sylvio Back. Ambas as obras abordam a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial com foco na história da FEB – Força Expedicionária Brasileira – em sua incursão pela Itália. Desde modo, nossa intenção é explorar possíveis pontos de concordância entre como o documentário e o livro retratam a história dos pracinhas.

**Palavras-chave:** Crônica; Rubem Braga; Rádio Auriverde; Sylvio Back; Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial.

**Two artists in search of pracinhas: *Rádio Auriverde*, by Sylvio Back and *Crônicas da guerra na Itália*, by Rubem Braga**

**Abstract:**

Through this work we intend to make a brief comparison between the book *Crônicas da Guerra na Itália* by Rubem Braga and the documentary “*Rádio Auriverde*” by Sylvio Back. Both works deal with Brazil's participation in Second World War with a focus on the history of the Força Expedicionária Brasileira (FEB) in its incursion into Italy. In this way, our intention is to explore possible points of agreement between how the documentary and the book represent the history of the Brazilian soldiers.

**Key words:** Chronic; Rubem Braga; Rádio Auriverde; Sylvio Back; Força Expedicionária Brasileira; Second World War.



\* MARIANI CAROLINA DE SOUZA MELO é Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



### Introdução

A Segunda Guerra Mundial foi um evento marcante para a humanidade e suas repercussões talvez nunca possam ser calculadas. A Guerra de proporções nunca vistas, o grande desenvolvimento técnico e bélico, e o massacre industrial de vidas nos Campos de Concentração, marcariam não só a vida de uma geração inteira que participou ativamente do conflito, mas também repercutiria através das notícias, livros de História e da Arte.

A barbárie da Segunda Guerra funcionaria como uma onda que atingiria e causaria os mais diversos tipos de sentimentos até mesmo naqueles que nasceram anos depois de findo conflito. Ao saber do que havia acontecido na Europa, entre os anos de 1939 e 1945, muitos se tornaram descrentes e desesperançosos. Livros como *É isto um homem?*, escrito por Primo Levi, mostram o horror do qual a humanidade é capaz.

Diante dos ecos dessa catástrofe, vários escritores não deixariam de ser atingidos. No Brasil, poetas como

Carlos Drummond, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles e Murilo Mendes, por exemplo, escreveram sobre a temática. Porém, dentre tantos que falaram sobre o tema, escolhemos para o presente artigo uma breve análise que visa aproximar o livro *Crônicas da Guerra na Itália* de Rubem Braga e o documentário “Rádio Auriverde” de Sylvio Back.

Selecionamos dois modos diferentes de produção, cinema e literatura, que abordam a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ambos contam um pouco a história da FEB – Força Expedicionária Brasileira – em sua incursão pela Itália. De tal modo, pretendemos perceber em que essas produções se aproximam na forma de retratar o conflito.

### Das crônicas e do documentário

Um dos grandes escritores da literatura brasileira, Rubem Braga, o cronista “puro sangue” como o chamou o jornalista José Castello, começou sua carreira escrevendo para o jornal *Correio do Sul*, em 1928, quando tinha apenas quinze anos e a partir daí fez sua

carreira publicando nos mais importantes veículos de informação do país até 1990, quando faleceu. Foram 62 anos de trabalho na imprensa que renderam um acervo enorme de narrativas da qual selecionamos as que se encontram no livro *Crônicas da guerra na Itália*.

A forja das crônicas que compõem este livro ocorreu no final da Segunda Guerra Mundial, entre os meses de setembro de 1944 e abril de 1945, quando Rubem Braga viajou para acompanhar de perto a guerra em solo italiano como correspondente do periódico *Diário Carioca*.

O livro escolhido traz um panorama da participação brasileira na luta contra os fascistas. A primeira crônica do livro relata a partida do porto do Rio de Janeiro. O navio americano *General Mann* levou cerca de cinco mil homens brasileiros para o desconhecido. A partir desse momento, Braga passa a relatar as experiências vividas juntamente com soldados da FEB até o fim da Guerra e a volta dos pracinhas para casa.

Para relatar o que viveu como correspondente, Rubem Braga faz uso do gênero crônica que utiliza uma linguagem singela e aparentemente despretensiosa como se não tratasse de nada importante. Ao fazer uma mistura de leveza e simplicidade, ele nos oferece uma visão particular do conflito. Ao contrário dos gêneros grandiloquentes, que preferem tratar apenas dos grandes temas, a crônica se dedica ao circunstancial humano mais prosaico, “sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão.” (CANDIDO, 1991, p. 05).

Através deste gênero é possível conhecer mais do cotidiano da Grande Guerra e vê-la mais de perto em uma

perspectiva diferente daquela apresentada pelos livros de História, pois a partir do olhar que só a crônica pode oferecer, podemos: conhecer um pouco do homem por trás do soldado, descobrindo que esse possui história, nome, família e sonhos; tomar consciência da miséria do povo italiano durante a guerra incluindo mulheres, crianças e idosos, que são geralmente esquecidos pela narrativa oficial; se emocionar com a beleza da natureza italiana, descrita poeticamente pelas palavras do cronista; saber que tipo de alimento era servido no dia a dia; ler sobre as dificuldades providas do rigoroso inverno europeu; e entre outras coisas pequenas e rotineiras da vida no *front*. Assim:

Além de constituírem parte importante da obra de Rubem Braga, suas crônicas, escritas umas em 1944 -1945, outras mais tarde, constituíram um documento impressionante sobre os extremos de barbárie de que o homem é capaz, mas também sobre o lirismo que o cronista soube captar nos momentos inesperados. Realmente ele era a pessoa talhada para essa tarefa. Sua identificação profunda com nosso homem do povo, a sensibilidade com que soube escrever sobre a população pobre dos grandes centros e do interior parecia torná-lo particularmente apto a esta tarefa. (SCHNAIDERMAN, Boris, 2015, p. 138)

Para tratar de um dos maiores acontecimentos históricos da humanidade, Braga não deixa de falar de grandes eventos ou ignora as versões oficiais, mas prefere, na maioria das vezes, acompanhar a vida de perto e andar junto dos soldados na linha de frente, aprender sobre o frio que

castigava os praças nos *foxholes*<sup>1</sup>, escutar as camponesas italianas, enviar os recados das enfermeiras, contar a história de meninas e anciões feridos ou mortos pelos nazistas, enfim, tudo o que diz respeito as miudezas do cotidiano são assunto de crônica, coisas aparentemente insignificantes perto do grande evento que representou esse conflito, mas que são, segundo Walter Benjamin, fragmentos do passado que não podem ser ignorado impunemente:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. (BENJAMIN, 2012, p. 242)

A outra parte do nosso trabalho diz respeito ao documentário “Rádio Auriverde”. Seu produtor, Sylvio Back, nascido em 1937, é cineasta, poeta, roteirista, escritor e produtor brasileiro. Back com frequência buscou temas históricos para retratar em seus filmes. Além de “Rádio Auriverde”, ele produziu, por exemplo, “Aleluia, Gretchen” (1976) que conta a história de uma família que foge da Alemanha nazista para o Brasil, em 1937; “República Guarani” (1979) que através de depoimentos de estudiosos e pesquisadores narra a história dos índios Guaranis que foram catequizados pelos jesuítas e foram organizados em missões entre os anos de 1609 a 1768; e “Revolução de 30” (1980) que, como o próprio nome sugere, fala sobre o golpe de estado que levou Getúlio Vargas ao poder. Sylvio Back é produtor ativo na atualidade, suas últimas produções foram os documentários “O contestado -

Restos mortais” (2010) e “O Universo Graciliano” (2015).

O documentário “Rádio Auriverde”, de 1991, conta com direção e roteiro produzido por Sylvio Back e montagem feita por Francisco Sérgio Moreira. O filme conta a história da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que fora incorporada ao exército norte-americano e faz um roteiro semelhante ao do livro *Crônicas da Guerra na Itália*.

Dentre as obras do mesmo gênero na época<sup>2</sup>, “Rádio Auriverde” tem uma forma de produção singular, a que mais poderia se aproximar dela em seu caráter histórico e fragmentado é o documentário de Marcelo Masagão “Nós que aqui estamos e por vós esperamos” (1999) que conta a história do breve século XX através de arquivos de vídeo e excertos de legenda.

A obra de Back conta com um significativo trabalho de pesquisa que além de se fazer presente através da narração, também se faz visualmente marcante, uma vez que todas as imagens do documentário são reais. “Com ampla produção dividida entre curtas, médias e longas-metragens, Sylvio Back se utiliza constantemente de material de arquivo<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Citamos alguns documentários produzidos no mesmo período de “Rádio Auriverde”, nenhum deles tem estrutura formal semelhante: *Cabra Marcado para Morrer* (Eduardo Coutinho, 1984); *Jango* (Silvio Tendler, 1984); *Ilha das Flores* (Jorge Furtado, 1989); *Imagens do Inconsciente* (Leon Hirszman, 1987); *ABC da Greve* (Leon Hirszman, 1990); *Notícias de uma Guerra Particular* (João Moreira Salles e Kátia Lund, 1999).

<sup>3</sup> Arquivos consultados para a produção do filme “Rádio Auriverde”: Casa da FEB (RJ), Casa do Expedicionário (PR), Cinemateca Brasileira (SP), Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (RJ), Cinemateca do Museu Guido Viaro (PR), Collector’s (RJ), Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage FUNALFA

<sup>1</sup> Buraco cavado no solo usado pelas tropas durante a guerra como abrigo contra o fogo inimigo ou ponto de tiro; tipo de trincheira.

para realizar seus filmes.” (GONÇALVES, 2006, p. 86). Assim, merecidamente, ganhou o prêmio de melhor pesquisa no “V Festival de Cinema de Natal-RN/1991” e também possui “Certificado de Produto Brasileiro” (2004).

Para contar sobre a partida dos pracinhas para Itália até a sua volta depois do término da guerra, “Rádio Auriverde” faz uso das imagens retiradas dos arquivos, somada a uma narração semelhante a do rádio da década de 40. Percebemos que as transmissões clandestinas da rádio simulada no filme têm um tom debochado e fazem do humor sua melhor arma, uma das críticas que se faz mais presente fala das relações entre Brasil, Estados Unidos e países do Eixo. Em suma:

Rádio Auriverde reflete com clareza o período da segunda guerra mundial, a participação do Brasil no conflito e a possibilidade técnica do rádio em transmitir na clandestinidade, através de ondas curtas. Ao mesmo tempo traz elementos da cultura brasileira, como a música de Carmen Miranda e o humor característico do brasileiro. (HAUSSEN, 2008, p.10)

### **Duas vozes em uníssono**

A escolha de aproximar “Rádio Auriverde” de *Crônicas da Guerra na Itália* nos apresentou pontos de afinidade que vão além da temática em comum. O primeiro que gostaríamos de ressaltar diz respeito ao formato de produção das duas obras.

No documentário, a sucessão de músicas, a narração crítica do rádio com um fundo de cenas da guerra que tem um tom jornalístico, seguidos ainda da

propaganda nazista, faz realmente lembrar uma programação de rádio que alterna entre notícias, músicas e propaganda. Já no livro de crônicas, temos um conjunto de pequenas narrativas individuais que embora se saiam perfeitamente bem se lidas sozinhas, quando lidas em sequência, contam a saga dos pracinhas na Itália da perspectiva de um participante que abraça a tarefa de observar e escrever fatos cotidianos que vão do bom humor à violência das batalhas nas linhas de frente.

Essa alternância entre uma programação leve e pesada ou um fato corriqueiro e cotidiano seguido de algo mais sério, cria uma informação de caráter fragmentado e está presente tanto em “Rádio Auriverde” quanto nas crônicas da Guerra. Essa proximidade tornaria possível pensarmos em uma “crônica-documentário”, alcunha que caberia tanto ao filme quanto ao livro. Destacamos, com essa junção de nomes, as características desses gêneros que ocupam um lugar de fronteira entre jornalismo, história e arte.

Outro ponto que ressaltamos tanto nas crônicas quanto no documentário, é o fato do real histórico se misturar com o ficcional da narração e das montagens. Em “Rádio Auriverde”, a pesquisa histórica dos arquivos de vídeo que são apresentadas da primeira a última cena, nos traz um forte sentimento de “real” e passamos a dar uma grande credibilidade ao filme, acreditando que aquilo que nos é apresentado se aproxima daquela História que se pretende objetiva e perto da verdade dos fatos. Além disso, a narração do locutor da rádio conta um fato histórico no qual a maioria dos acontecimentos citados podem facilmente ser checado em outras fontes.

---

(MG), National Archives (EUA), Radiobrás (RJ) e Serviço Brasileiro da BBC (Inglaterra)

Entretanto, quando escutamos logo nos primeiros minutos do filme notícias como: “FEB recebe dos Americanos uniformes furados a balas e fuzis da Primeira Guerra Mundial”, ou “doença venéreas faz mais estragos na tropa brasileira do que o bombardeio nazista”, e ainda “pracinhas desmontam caminhão do exército aliado para vender o motor”, o “real” se distancia. Afirmções como essas, além de serem difíceis de serem comprovadas em outras fontes, apenas reforçam do teor crítico e zombeteiro do locutor.

Isso acontece não apenas nas notícias, mas também quando reparamos nas interpretações simultâneas, no qual uma voz se sobrepõe a outra em um discurso, sendo possível escutar ao mesmo tempo tanto a voz original ao fundo em volume menor quanto à tradução em volume maior. Percebemos que essas traduções não se pretendem objetivas e fidedignas, elas estão mais interessadas em provocar o espectador.

“Rádio Auriverde” também caminha para o ficcional, quando utiliza recursos de montagem que deixam irremediavelmente clara a subjetividade do diretor. O filme não apresenta uma história contada de forma imparcial, ao contrário, ele pretende construir uma opinião ou até mesmo expor a verdade não tão gloriosa da participação do Brasil na guerra.

Em *Crônicas da guerra na Itália*, essa fusão de real e ficção também se faz presente. Na narrativa “Mestre pracinha e a neve”, que fala da chegada do inverno e das dificuldades enfrentadas com a neve a as baixas temperaturas, Rubem Braga se apresenta tal como o narrador-repórter da crônica, ou seja, ele se coloca como personagem da história que conta e se apresenta como o correspondente de guerra que de fato é.

Mas um correspondente é, afinal, um turista. Sim, eu sou um boa vida e posso confessar que no primeiro dia em que vi essas montanhas totalmente cobertas de neve, e as fonte que saltavam das pedras transformadas em faíscas de gelo – embora fosse um dia ruim em toda a frente um dia de apreensões – fiquei incapaz de escrever qualquer coisa sobre a guerra. Voltei a minha infância, lembrei a primeira vez que vi o mar – deixei um refúgio aquecido, inventando uma visita a uma bateria onde não tinha nada o que fazer, só para caminhar na neve funda, sob o céu esplêndido em que a lua crescia... E ao luar essa terra de inverno esplende numa primavera branca, de sonho, É uma beleza assassina. (BRAGA, 1996, p. 87)

As crônicas, como é possível perceber através do trecho citado, criam um forte efeito de real, pois nele Rubem Braga se apresenta não apenas em seu papel social e profissional, mas se expõe como homem sensível, não cego às belezas naturais daquela Itália em guerra.

Ao mesmo tempo, não há como crer com plenitude em todas as informações contidas nas crônicas, em todas as situações relatadas ou nomes citados. Por isso, afirmamos que não há leitor ou espectador que consiga diferenciar durante todo o tempo o que é ficcional ou sofre influência significativa subjetividade do autor e o que é uma descrição de um fato cotidiano ou histórico.

Entretanto, podemos afirmar que nas duas obras analisadas mesmo o ficcional possui um fundo real, isso significa que o mais importante não é descobrir se as crônicas ou o documentário estão comprometidos com o “real” durante todos os momentos, pois mesmo o que pode ter sido criado a partir da imaginação, certamente aconteceu de

alguma forma naquele no cotidiano de miséria.

Outra característica presente tanto nas crônicas quanto no documentário é a presença de partes muito leves e bem humoradas. Em “Rádio Auriverde”, as várias músicas que se assemelham a intervalos para as notícias, mostram um pouco do espírito alegre daqueles soldados brasileiros em solo italiano. Algumas músicas tocadas são de Carmem Miranda e outras são sambas com a temática da FEB como “Onde eu vi muito tedesco”, “A Lourdinha está cantando”, “Tedesco eu quero ver” e “Carta do expedicionário”. Como exemplo, deixamos a seguir a letra da música “Tedesco levanta o braço”:

Tedesco, levante o braço  
Que já é tarde demais  
Resolve logo a tua situação  
Que leva tiro de metralha, de  
bazuca e de canhão  
(Oi Tedesco levanta)

Se você ainda não sabe quem está  
lutando nesta frente  
Abaixa as armas, Tedesco, e se  
apresente  
Porque eu vou dar um tiro de  
inquietação  
Pois quem tá aqui nesta frente é o  
famoso Leão  
(Oi Tedesco levanta)

Essa música de 1945 foi composta pelo soldado Pieri Júnior e interpretada pelo cabo José Pereira dos Santos. Ela possui um ritmo alegre, típico dos sambas da década de 40. A palavra “tedesco”, como os italianos se referem aos alemães, foi incorporada pelos brasileiros ao seu vocabulário pela convivência diária e necessidade de comunicação.

Nas narrativas de Rubem Braga, a palavra “tedesco” também é recorrente e muitas vezes está ligada a momentos de leveza e bom humor. Como exemplo,

destacamos a crônica “Linguagem” que relata como aquele contexto de guerra no qual várias línguas coexistiam afetava a fala dos soldados. Assim, depois de um mês na Itália, os pracinhas chegam “à conclusão de que falar o italiano é acrescentar um ‘e’ ao infinitivo de nossos verbos – e que o infinitivo substitui perfeitamente qualquer tempo e modo”. Daí, quando se oferece um cigarro a um pracinha, pode-se ouvir respostas como: “Io non gostare, mas fumare porque me dare”. (BRAGA, 1996, p. 81)

No entanto, apesar dos momentos de bom humor e críticas que levam ao riso, as imagens deixam clara a situação de miséria da Itália, as mortes e o clima pesado do conflito. Embora o documentário e as crônicas tenham momentos divertidos, com música e deboche do despreparo dos brasileiros que beira ao cômico trágico, a guerra não deixa de assombrar em sua realidade dura, crua e cinza. Trechos como o dos pracinhas brasileiros procurando minas com seus aparelhos, carregando um companheiro morto ou ferido, as várias explosões e uso de armas, nos fazem lembrar que a guerra está com fome de carne. Assim, trechos como os lido em “Procissão de Guerra”, como o apresentado a seguir, podem ser vistos através das imagens do documentário:

Entramos em uma cidade e durante 20 minutos avançamos por uma rua onde não há uma só casa em pé. Da primeira vez, confrangem essas ruas de casas estripadas que mostram as vísceras de suas paredes íntimas, num despudor de ruínas completa. (Ibidem, p. 49)

Além da perene sombra da guerra, as críticas também deixam as obras com um tom mais sério. No documentário, o cineasta opta por utilizar a voz em *off*, deixando estrategicamente o narrador

oculto para tratar de temas tabus como: a entrada do Brasil na guerra; a relação entre Brasil, Estados Unidos e países do Eixo; o despreparo dos homens para a guerra; entre outros.

A crítica às relações entre Brasil e Estados Unidos são recorrente durante todo o documentário. Sylvio Back em sua sutileza começa a crítica logo nos primeiros segundos do filme com escolha da icônica Carmen Miranda que embora seja conhecida como uma marca do Brasil e de sua música do mundo, fora muitas vezes criticada por uma suposta americanização, o que nos sugere que o Brasil se vendia até em sua cultura. Na interpretação simultânea do discurso de Getúlio Vargas, vemos a opinião reforçada: “Trabalhadores do Brasil, tive que aceitar essa barganha do presidente Roosevelt senão ele jura que afunda todos os nossos navios mercantes, sacanagem do Tio Sam”. A fala zombeteira e irônica não diminui a crítica ácida que fez o Brasil parecer um país vendido, sem interesses morais, sendo apenas uma nação interesseira que ficará do lado daqueles que oferecem mais em troca.

A entrada do Brasil na guerra se assemelha a negócio econômico, não há uma questão ideológica envolvida. Vargas inclusive nutre admiração por Hitler e Mussolini, mas preferiu o negócio oferecido pelos americanos: troca-se um financiamento para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional na cidade de Volta Redonda, pelo envio de uma tropa simbólica para a Europa.

Nessa época, os brasileiros sentiam pouco o efeito da guerra que apenas afetava o país de forma distante como, por exemplo, no aumento do preço da farinha. De resto, a guerra era só um assunto qualquer, assim como a guerra da Síria, Afeganistão e Iêmen são 2019.

E isso não é deixado de lado pela “Rádio Auriverde” que logo nos primeiros minutos anuncia: “como os voluntário da pátria da Guerra do Paraguai, expedicionários não sabem nem por que nem para que lutam”, eles eram “desorganizados, sem liderança, mal vestidos e mal alimentados doentes de corpo e cabeça, sem instrução e sem treinamento.”

Nas crônicas, a crítica também se faz presente. O cronista também deixa claro que “os uniformes de inverno levados do Brasil revelaram-se pouco menos que imprestáveis” (BRAGA, 1996, p. 319) e se mostra não apenas como a correspondente “boa vida” que está a passeio na Itália. Deixamos um trecho de crônica:

E às vezes um homem recusa comover-se: meninas da Toscana, eu vi vossas irmãs do Ceará, barrigudinhas, de olhos febris, desidratadas, pequenos trapos de poeira humana que o vento da seca ia a tocar pelas estradas. Sim, tenho visto alguma coisa, e também há coisas que homens que viram me contam: a ruindade fria dos que exploram e oprimem e proíbem pensar, e proíbem comer, e até o sentimento mais puro torcem e estragam, as vaidades monstruosas que são massacres lentos e frios de outros seres.” (BRAGA, 1996, p. 154)

Nela o cronista encontra em um hospital uma menina ferida por uma granada alemã. Sua indignação diante da imagem é grande e sua revolta fica explícita em uma crítica ferina a guerra, a sociedade e aos homens que fizeram mal a menina Silvana que nada mais é que uma representação de todas as outras meninas da guerra.

Por fim, abordamos até aqui algumas semelhanças encontradas entre “Rádio Auriverde” e *Crônicas da Guerra na*

*Itália*, entretanto podemos afirmar que há mais pontos de coincidência que mereciam ser explorados, contudo eles ultrapassam o espaço permitido para esse breve artigo. Desta forma, um estudo mais aprofundado e atento certamente poderá ser desenvolvido em um próximo trabalho.

### Conclusão

Tanto “Rádio Auriverde” quanto *Crônicas da Guerra na Itália* finalizam sua história com fim da guerra. No documentário contamos com imagens da volta e recepção dos pracinhas em solo brasileiro, e nas crônicas contamos com a descrição dos sentimentos de liberdade e um balanço dos duros dias de batalha.

De acordo com o documentário, terminamos a campanha com um total de 467 mortos e cerca três mil homens feridos ou inválidos. Assim, podemos perceber através dessas obras que a história da FEB não tem nenhum glamour, e nem os pracinhas são heróis, nem seres sobre-humanos, todos eram apenas homens na linha de frente de uma guerra e mesmo sem treinamento e condições favoráveis, foram capazes de lutar.

Eles não foram perfeitos, mal sabiam direito porque estão lá, porém logo se adaptam e disso Rubem Braga sente orgulho. O filme também não deixar de mencionar que, mesmo em nas situações mais adversas, o soldado brasileiro tão desacreditado encara as dificuldades que aparecem no caminho, seja ela a neve e o frio, ou os temidos soldados alemães. Destarte, terminamos com um trecho da crônica “Entrevista ao jornal da tarde.”, porque o consideramos ponderado, mais de acordo com as possibilidades daqueles homens que saíram do Brasil para enfrentar os nazistas no final da Segunda Guerra Mundial:

(...) é bom lembrar que os aliados mobilizaram na guerra cerca de 40 milhões de homens, e que a Força Expedicionária Brasileira somava 25.334 homens... direi que os brasileiros se portaram tão bem quanto possível e melhor do que seria lícito esperar. E acrescentarei que, na minha opinião, tiveram sorte. (BRAGA, 1996, p. 318)

### Referências

- BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *Para Gostar de Ler: crônicas*, v. 5. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CASTELLO, José. Crônica, um gênero brasileiro. In: VIOLA, Alan Flávio. *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas; v.1)
- HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio e Sociedade Brasileira no Cinema: de 1940 a 2000. *Revista Latinoamericana de ciencias de la comunicación*. São Paulo, n.7(4), p.151-160, jul-dez, 2007.
- GONÇALVES, Gustavo Soranz. Panorama do documentário no Brasil. *Revista Digital de Cinema Documentário*. Campinas, n.1, p.79-91, dez, 2006.
- RÁDIO Auriverde. Direção de Sylvio Back. Rio de Janeiro: Margit Richter, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Cadernos Italianos*. Perspectiva. 2015

Recebido em 2019-07-12  
Publicado em 2020-03-28